

DANIELLE STEEL

UM DIA DE CADA VEZ

Tradução de
MARIA DO CARMO ROMÃO



CAPÍTULO

1

Era um dia de junho maravilhoso e o sol nascia sobre a cidade; Coco Barrington assistia a este espetáculo no pátio da sua casa em Bolinas. Estava ali, a olhar para as listas cor-de-rosa e laranja no céu, enquanto bebia uma chávena de chá chinês bem quente, estendida numa velha cadeira desbotada e partida que comprara em segunda mão. Uma estátua de madeira de Quan Yin, desgastada pelo sol, observava pacificamente a cena. Quan Yin era a deusa da compaixão e a estátua, um presente muito estimado. Sob o olhar benevolente da estátua, a bela jovem ruiva contemplava a luz dourada do nascer do sol daquele princípio de verão, que lhe lançava reflexos acobreados no cabelo ondulado, quase pela cintura. Vestia uma velha camisa de dormir de flanela com corações, que já mal se notavam, e estava descalça. A casa em que vivia estava situada em Bolinas, num planalto sobranceiro ao oceano e a uma pequena praia. Era exatamente ali que Coco queria estar e há quatro anos que lá vivia. Esta pequena e quase esquecida comunidade agrícola do litoral, a menos de uma hora do norte de São Francisco, era o seu refúgio aos vinte e oito anos.

Era uma generosidade chamar casa àquele espaço. Pouco mais era do que uma casinha de campo, a mãe e a irmã

referiam-se a ela como casebre ou, em dias melhores, cabana. Era incompreensível para as duas que Coco ali quisesse morar — ou até que fosse capaz disso. Era a concretização do pior pesadelo que alguma vez tiveram, mesmo tratando-se dela. A mãe tentara, primeiro com lisonja, depois com insultos, críticas e até subornos, fazê-la voltar àquilo a que se referia como «civilização» em Los Angeles. Para Coco nada na vida da mãe ou na maneira como tinha crescido parecia «civilizado». Era tudo uma fraude. Pareciam-lhe artificiais as pessoas, o modo como viviam, os objetivos a que aspiravam, as casas que habitavam e as plásticas no rosto de todas as mulheres de Los Angeles. A vida em Bolinas era simples e verdadeira, pouco complicada e genuína, como a própria Coco. Detestava tudo o que era falso. Não que a mãe fosse «falsa». Era educada e tinha uma imagem que mantinha com todo o cuidado. Era uma escritora de sucesso dos últimos trinta anos e o que escrevia não era fraudulento; era, simplesmente, pouco profundo, mas um vasto público seguia a sua obra. Escrevia com o nome de Florence Flowers, um pseudónimo do seu nome de solteira, e gozava de um imenso êxito. Tinha sessenta e dois anos e vivera uma vida de conto de fadas, casada com o pai das suas filhas, Bernard «Buzz» Barrington, o mais importante agente literário e teatral de Los Angeles, até à sua morte, há quatro anos. Buzz era dezasseis anos mais velho do que a mulher e estava ainda bem conservado quando, subitamente, teve um AVC que lhe provocou a morte. Tinha sido um dos homens mais poderosos na sua área e mimara e protegera a mulher durante os trinta e seis anos de casamento, encorajando-a e fazendo a gestão da sua carreira. Coco sempre se interrogara se a mãe teria conseguido destacar-se como escritora sem a ajuda do marido. À mãe nunca se pusera tal questão e, nem por um instante, duvidara do mérito do seu trabalho ou da multiplicidade

de opiniões que tinha acerca de tudo na vida. Não escondia o facto de Coco ser uma desilusão para ela e não hesitava em acusá-la de ter abandonado os estudos ou em chamar-lhe *hippy* e excêntrica.

A avaliação que Jane, a sua irmã igualmente bem-sucedida, fazia dela era mais desapegada, embora não fosse mais simpática: Jane referia-se a Coco como uma «fracassada crónica». Fazia notar à irmã mais nova que tivera todas as oportunidades possíveis, todas as possibilidades de ter sucesso na vida e que, até então, deitara tudo fora. Recordava-a regularmente de que nunca era tarde para dar a volta, mas que, enquanto continuasse a viver na cabana em Bolinas como uma vagabunda das praias, a sua vida não prestaria para nada.

Não era essa a opinião de Coco. Bastava-se a si própria, era respeitável, não consumia nem nunca consumiu drogas, exceto uma ou outra passa com os amigos na faculdade, muito raramente, o que era notável nessa altura. Não era um peso para a família, nunca fora despejada nem promíscua, nunca engravidara nem estivera na cadeia. Não criticava o estilo de vida da irmã e nem desejava fazê-lo. Não dizia à mãe que as roupas que ela vestia tinham um estilo ridiculamente jovem, ou que o seu último *lifting* a deixara demasiado esticada. Tudo o que Coco desejava era ser ela própria e viver a vida à sua maneira. Sempre se sentira pouco à vontade no estilo de vida luxuoso de Bel-Air, odiara ter sido discriminada por ser filha de duas pessoas famosas e, mais recentemente, a irmã muito mais nova de outra celebridade. Nunca quisera conduzir a vida deles, apenas a sua. As suas batalhas tinham começado a sério depois de ter acabado os estudos preparatórios em Princeton com ótimas notas, de ter ido para a Faculdade de Direito de Stanford e ter desistido do curso no segundo ano, há já três anos.

Prometera ao pai que haveria de experimentar Direito e ele garantira-lhe que seria possível dar-lhe emprego na sua agência, pois ajudava ter uma licenciatura neste campo para ser uma agente de sucesso. O problema é que não era isso que ela queria, sobretudo trabalhar para o pai. Não tinha o mínimo desejo de representar escritores de sucesso, argumentistas ou estrelas de cinema malcomportadas. Essa era a paixão do pai, o seu ganha-pão e o seu único interesse. Todos os nomes famosos de Hollywood tinham passado por casa dela, quando era criança. Não se imaginava a passar o resto da vida com eles, como acontecera com o pai. Acreditava secretamente que todo o stresse de representar e satisfazer pessoas mimadas, pouco razoáveis e disparatadamente exigentes durante quase cinquenta anos tinha dado cabo dele. E a ela parecia-lhe uma sentença de morte.

O pai morrera durante o primeiro ano de Coco na faculdade de Direito; ela aguentou lá mais um ano, mas depois desistiu. A mãe reclamou durante meses e ainda a criticava por viver como uma sem-abrigo numa cabana em Bolinas. Só tinha ido lá uma vez e, desde então, nunca mais se calara. Coco decidiu ficar na zona de São Francisco depois de ter desistido de Stanford. O norte da Califórnia agradava-lhe mais. A irmã Jane mudara-se para lá há três anos, mas ia com frequência a Los Angeles em trabalho. A mãe ainda se sentia perturbada pela partida das duas filhas para a região norte, abandonando Los Angeles, embora Jane fosse lá com frequência. Coco raramente ia a casa da mãe.

Jane, a irmã de Coco, tinha trinta e nove anos. Aos trinta, tornara-se uma das mais importantes produtoras de cinema de Hollywood. Tivera até então uma carreira fulgurante e onze grandes êxitos de bilheteira. Tinha um enorme sucesso, o que fazia com que Coco parecesse não ter qualquer interesse. A mãe

nunca deixava de lembrar a Coco como o pai se orgulhava de Jane e, depois, desatava a chorar, pensando na vida desperdiçada da filha mais nova.

As lágrimas sempre tinham sido um bom recurso, conseguindo-lhe tudo do marido. Buzz satisfazia-lhe todas as vontades e adorava as filhas. Por vezes, Coco gostava de acreditar que poderia ter explicado ao pai as suas decisões e as razões que a tinham levado a tomá-las, mas, na verdade, sabia que não teria qualquer hipótese. Tal como a mãe ou a irmã, também ele não as compreenderia e teria ficado perplexo e desapontado com a sua vida atual. Ficara encantado quando a filha entrou para a faculdade de Direito em Stanford, esperando que isso pusesse fim às suas ideias extremamente liberais. Na sua opinião, não havia problema em ter bom coração e em preocupar-se com o planeta e com o próximo, desde que não houvesse exageros, que era o que a filha fazia. Contudo, Buzz garantiria à mulher que a faculdade de Direito a faria ter juízo. Mas afinal, não foi o que aconteceu, já que desistira do curso.

O pai deixara-lhe dinheiro mais do que suficiente para viver, mas Coco nunca lhe tocava, preferia gastar apenas aquele que ganhava e, muitas vezes, entregava-o às causas que eram importantes para ela, a maioria das quais envolvia a ecologia, a preservação da vida animal no planeta ou a ajuda às crianças carenciadas nos países do Terceiro Mundo. A irmã Jane dizia que ela tinha um coração mole. Usava várias expressões pouco lisonjeiras para a classificar e todas elas a magoavam. Contudo, Coco admitia prontamente ter um coração mole, e era por isso que gostava tanto da imagem de Quan Yin. A deusa da compaixão emocionava-a profundamente. A integridade de Coco era total e o seu coração enorme, sempre pronta a ajudar os outros, o que para ela era extremamente gratificante.

Nos últimos anos da sua adolescência, Jane causara alguns problemas à família. Aos dezassete anos, dissera aos pais que era lésbica. Coco tinha na altura seis anos e não se apercebera da confusão que isso causara. Jane fizera aquela declaração no último ano da escola secundária, tornando-se depois ativista militante dos direitos das lésbicas na Universidade da Califórnia, onde estudava cinema. A mãe ficara desconsolada quando pedira a Jane para ser debutante e ela recusara, dizendo-lhe que preferia morrer. Mas, apesar das suas preferências sexuais e militância, tinha os mesmos interesses materiais dos pais. O pai desculpou-a assim que viu que ela colocava os seus interesses na fama. E assim que a atingiu, tudo ficou bem. Há já dez anos que Jane vivia com uma conhecida argumentista, pessoa delicada e famosa por direito próprio. Tinham-se mudado para São Francisco por causa da grande comunidade homossexual que aí existe. Toda a gente adorava os filmes que faziam. Jane foi nomeada para quatro óscares, mas não tinha ganho nenhum. A mãe nunca pusera em questão o facto de Jane e Elizabeth viverem juntas nos últimos dez anos. Era Coco que os perturbava a todos profundamente, que os preocupava de morte, que os aborrecia com as suas decisões ridículas, a sua vida de *hippy*, a sua indiferença em relação a tudo o que pensavam ser importante, fazendo a mãe chorar.

Por fim, atribuíam as atitudes de Coco à influência do homem com quem ela fora viver depois de abandonar o curso de Direito, e não ao efeito que a família tinha tido sobre ela durante tantos anos. Ian White vivera com ela durante o segundo e último ano em que ela estivera na faculdade de Direito. Também ele abandonara o curso vários anos antes, não se licenciando. Era tudo o que os pais não queriam para ela. Embora fosse inteligente, competente e bem-educado, como Jane dizia, era um «falhado», tal como a irmã. Depois de

abandonar a faculdade na Austrália, Ian foi para São Francisco e abriu uma escola de mergulho e *surf*. Tinha sido alegre, amoroso, engraçado, afável e maravilhoso com ela. Era um diamante bruto, de uma espécie independente que fazia aquilo que queria, e Coco soube que encontrara a sua alma gêmea no dia em que se conheceram. Foram viver juntos dois meses depois, tinha ela vinte e quatro anos. Ele morreu passados dois anos. Foram os melhores anos da vida de Coco, que lamentava a sua partida. Morreu a fazer parapente, quando uma rajada de vento o atirou contra as rochas e o lançou para a morte no abismo. Tudo acabou num instante, e os seus sonhos partiram com ele. Tinham comprado juntos a cabana em Bolinas e ele deixou-lha. Os seus fatos e todo o equipamento de mergulho ainda lá estavam. Coco sofreu muito no primeiro ano após a morte de Ian e, a princípio, a mãe e a irmã foram compreensivas, mas depois deixaram de ter paciência. Segundo elas, ele tinha partido e Coco deveria ultrapassar o desgosto, tratar da vida, crescer. Foi o que fez, mas não como a mãe e a irmã queriam, o que representava para ambas uma ofensa capital.

A própria Coco sabia que teria de se libertar das recordações de Ian e seguir em frente. Saíra com algumas pessoas no último ano, mas ninguém se comparava minimamente com ele. Nunca conhecera um homem com tanta vida, energia, afeto e encanto. Era difícil encontrar alguém que se lhe comparasse, embora Coco tivesse esperança de que um dia isso viesse a acontecer. Ela sabia que Ian não gostaria que ela ficasse sozinha para sempre. Coco, no entanto, não tinha pressa. Era feliz vivendo em Bolinas, acordando de manhã para enfrentar um dia de cada vez. Não tinha um percurso profissional. Não queria nem precisava de fama para se valorizar, como acontecia com o resto da família. Não queria viver

numa grande casa em Bel-Air. Não queria mais nada do que o que tivera com Ian — dias bonitos, tempos felizes e noites de amor, tudo o que recordaria para sempre. Não precisava de saber onde e com quem a levariam os passos futuros. Cada dia era em si uma bênção. A sua vida com Ian fora perfeita e exatamente aquilo que ambos queriam, mas, nos últimos dois anos, após a morte dele, Coco tinha-se sentido em paz a viver sozinha. Tinha saudades, mas acabara por aceitar que era importante continuar. Não estava desvairada para se casar, ter filhos ou encontrar outro homem. Aos vinte e oito anos, nada disso parecia urgente, e continuar a deixar passar o tempo em Bolinas era mais do que suficiente para ela.

A princípio, viver ali parecera estranho a Ian e a ela. Era uma pequena comunidade engraçada. Os seus residentes tinham decidido, havia muito, não só serem discretos, como também praticamente desaparecerem, como nas histórias de fantasmas. Não havia placas na estrada para indicar como chegar a Bolinas, nem sequer para indicar que essa terra existia. Era preciso encontrá-la. Era uma paragem no tempo que ambos tinham adorado. Na década de 1960 estivera cheia de *hippies*, e muitos deles ainda lá viviam, muito curtidos pelo sol, cheios de rugas e grisalhos. Homens com mais de cinquenta anos, talvez mesmo sessenta, dirigiam-se à praia com a prancha de *surf* debaixo do braço. Na vila havia apenas uma loja que vendia roupas em *batik*, um restaurante cheio de velhos surfistas de cabelo branco, uma mercearia com produtos quase exclusivamente biológicos e uma loja pouco convencional que vendia todo o tipo de utensílios e cachimbos para fumar haxixe de todas as cores, formas e dimensões. A vila propriamente dita estava situada num planalto sobranceiro a uma pequena praia, separada por uma enseada da enorme extensão de Stinson Beach e das suas casas elegantes.

Havia algumas belas casas confortáveis em Bolinas, mas, na sua maior parte, quem lá vivia eram famílias, jovens que tinham deixado de estudar, surfistas mais velhos e pessoas que, por qualquer razão, tinham decidido isolar-se e quase desaparecer. À sua maneira, era uma comunidade elitista e a antítese de tudo aquilo com que Coco crescera e da família poderosa de que Ian tinha fugido em Sidney, na Austrália. Nesse aspeto, harmonizavam-se perfeitamente. Ele partira, mas ela continuava ali e não tinha qualquer intenção de se ir embora tão cedo, se é que alguma vez iria ter, apesar do que diziam a mãe e a irmã. A psicóloga que consultara depois da morte de Ian afirmara havia pouco que, aos vinte e oito anos, Coco continuava a revoltar-se. Talvez, mas, para ela, não havia qualquer problema. Sentia-se feliz com a vida que escolhera e com o local onde vivia. E outra coisa de que tinha a certeza era que nunca, mas nunca, voltaria a viver em Los Angeles.

Quando o sol subiu no céu e Coco voltou para ir buscar outra chávena de chá, *Sallie*, o pastor-australiano fêmea de Ian, saiu lentamente de dentro de casa, acabada de sair da cama de Coco. Abanou levemente a cauda e partiu para o seu passeio matinal na praia. Era extremamente independente e ajudava Coco no seu trabalho. Ian dissera-lhe que os pastores-australianos são ótimos cães de busca e salvamento e pastores por instinto, mas *Sallie* agia como lhe apetecia. Afeiçoara-se a Coco, mas apenas à sua maneira, e tinha sempre os seus próprios planos e ideias. Fora impecavelmente treinada por Ian.

Saiu a correr enquanto Coco se servia da segunda chávena de chá e olhava para o relógio. Pouco passava das sete, tinha de tomar duche e ir trabalhar. Gostava de estar na Golden Gate às oito e meia. Chegava sempre a horas e era extremamente responsável em relação aos seus clientes. Tinha-lhe valido muito tudo o que aprendera acerca de trabalho árduo

e êxito. Era proprietária de uma pequena empresa sem grande importância, que, mesmo assim, faturava bem. Os seus serviços tinham tido muita procura nos últimos três anos, desde que Ian a ajudara a montá-la. Crescera incrivelmente nos dois anos após a morte dele, embora Coco limitasse os seus clientes e já não aceitasse tantos. Gostava de estar em casa às quatro horas, todos os dias, para ter tempo de passear na praia com *Sallie* antes de escurecer.

Os vizinhos de Coco, de um lado e do outro da sua cabana, eram uma aromaterapeuta e um especialista em acupunctura que trabalhavam na cidade. O especialista em acupunctura era casado com uma professora da escola local e a aromaterapeuta vivia com um bombeiro do quartel de Stinson Beach. Eram pessoas decentes, sinceras e trabalhadoras, que se ajudavam umas às outras. Os vizinhos tinham sido incrivelmente simpáticos aquando da morte de Ian, e ela já tinha saído uma ou duas vezes com um amigo da professora, sem que houvesse qualquer envolvimento. Tinham-se tornado amigos, e para Coco isso era muito agradável. Como seria de esperar, a família considerava-os a todos *hippies*. A mãe chamava-lhes preguiçosos, coisa que nenhum deles era, mesmo que fosse essa a ideia que davam. Coco não se importava de ficar sozinha e era mesmo sozinha que passava a maior parte do tempo.

Às sete e meia, depois de um duche bem quente, Coco dirigiu-se para a sua velha carrinha. Ian encontrara-a num parque de estacionamento em Inverness e comprara-a para ela ir todos os dias para a cidade. A velha carrinha era exatamente o que precisava, apesar dos cento e cinquenta mil quilómetros que já tinha. Funcionava bem, mesmo sendo realmente muito feia. A maior parte da tinta tinha caído havia muito, mas o motor estava bom. Ian tivera uma moto que usavam para percorrer os montes ao fim de semana, quando não saíam no

barco. Ele ensinara-a a mergulhar. Desde que ele morrera que Coco não usava a moto, que continuava guardada na garagem atrás da cabana. Não era capaz de se decidir a desfazer-se dela, embora tivesse vendido o barco e fechado a escola de mergulho, pois não havia quem ficasse com ela. Coco não a conseguiria gerir, pois já tinha a sua própria empresa.

Fez deslizar a porta da carrinha e *Sallie* saltou lá para dentro, entusiasmada. A corrida na praia tinha-a despertado e, tal como Coco, estava pronta para trabalhar. Coco sorriu para a enorme cadela preta e branca. Quem não reconhecesse a raça, julgaria tratar-se de um rafeiro, mas era um pastor-australiano puro, com olhos azuis de expressão séria. Coco fechou a porta, sentou-se ao volante e partiu com um aceno ao vizinho, que voltava do turno no quartel de bombeiros. Era uma comunidade ensonada e quase ninguém se preocupava em fechar as portas à chave durante a noite.

Seguiu pela estrada cheia de curvas, à beira do rochedo sobranceiro ao oceano, em direção à cidade que brilhava ao longe na luz da manhã. Ia ser um dia perfeito, o que tornava mais fácil o seu trabalho. E, tal como gostava, estava na ponte às oito horas, mesmo a tempo do seu primeiro cliente. Não que tivesse muita importância, ter-lhe-iam perdoado se se atrasasse, mas isso quase nunca acontecia. Não era a preguiçosa, como a família dizia, apenas diferente de todos eles durante toda a vida.

Virou para Pacific Heights e dirigiu-se para sul, subindo a colina íngreme de Divisadero. Estava quase a chegar ao cimo, na Broadway, quando o telemóvel tocou. Era a irmã Jane.

— Onde estás? — perguntou Jane, secamente. Falava sempre como se se tratasse de uma emergência nacional e os terroristas lhe tivessem invadido a casa.

Vivia em constante estado de stresse, próprio da sua profissão e adequado à sua personalidade. Elizabeth, a sua companheira, era mais descontraída e acalmava-a consideravelmente. Coco gostava muito de Liz. Tinha quarenta e três anos e era tão talentosa e inteligente como Jane, mas mais calma. Licenciara-se com nota máxima em Harvard e fizera um mestrado em Literatura Inglesa. Escrevera um romance obscuro, mas interessante, antes de se tornar guionista em Hollywood. Escrevera vários guiões e ganhara dois óscares. Ela e Jane tinham-se conhecido há dez anos, quando trabalhavam num filme e, desde então, viviam juntas. A sua relação era sólida e a ligação funcionava bem para as duas. Consideravam-se companheiras para toda a vida.

— Estou em Divisadero. Porquê? — perguntou Coco, num tom cansado. Odiava que Jane nunca lhe perguntasse como estava, que se limitasse a dizer o que precisava. Sempre fora essa a relação que a irmã mantinha com ela. Coco fora a moça de recados de Jane durante toda a vida e passara muito tempo a falar com a psicóloga a esse respeito, enquanto duraram as consultas. Era difícil dar a volta àquilo, embora tentasse. *Sallie* estava sentada no lugar do passageiro, ao lado de Coco, e observava-lhe o rosto com interesse, como se sentisse a tensão da dona e quisesse saber o motivo.

— Ótimo. Preciso de ti imediatamente — disse Jane, parecendo aliviada e perturbada. Coco sabia que elas iriam em breve para Nova Iorque filmar os exteriores de um filme coproduzido pela irmã e por Liz.

— Para que precisas de mim? — perguntou Coco, cautelosa, enquanto a cadela inclinava a cabeça para o lado.

— Estou tramada. A pessoa que vinha tomar conta da minha casa cancelou o trabalho. Parto dentro de uma hora. — O desespero embargava-lhe a voz.

— Pensei que só iam para a semana — disse Coco, num tom desconfiado enquanto conduzia pela Broadway, onde a irmã vivia, apenas a uns quarteirões de distância, numa casa espetacular com vista sobre a baía. Ficava na Costa Dourada, onde se situavam quase todas as casas elegantes. Não havia dúvida de que a de Jane era a mais bonita de todas, embora Coco não apreciasse o estilo, tal como Jane não apreciava o da cabana de Bolinas. As duas irmãs pareciam ter nascido em planetas diferentes.

— Prepara-se uma greve de técnicos de som. A Liz partiu ontem à noite. Eu tenho de estar lá esta noite para uma reunião com o sindicato e não tenho ninguém para tomar conta do *Jack*. A mãe da pessoa que me toma conta da casa morreu e ela vai ter de ficar em Seattle com o pai, que está doente, sabe-se lá até quando. Telefonou-me a informar e o avião é daqui a duas horas. — Coco franziu a testa enquanto ouvia. Não tinha vontade de perceber bem o que a irmã acabara de lhe dizer. Coco aparava tudo o que caía por entre as fendas da vida da irmã. Como Jane pensava que Coco não tinha vida própria, esperava sempre que ela aparecesse para lhe acudir. Coco nunca podia dizer não à irmã que a tinha assombrado durante toda a vida. Jane não tinha qualquer problema em dizer não a quem quer que fosse, e isso fazia parte do seu êxito. Coco tinha dificuldade em encontrar essa palavra no seu vocabulário, coisa que Jane sabia perfeitamente, e de que se aproveitava em todas as oportunidades.

— Se quiseres vou lá para passear o *Jack* — disse Coco, cautelosa.

— Sabes que isso não chega — disse Jane, aborrecida. — Fica deprimido se não vir ninguém em casa à noite. Uiva, e os vizinhos ficam loucos. E preciso de alguém que vigie a casa. — O cão era quase tão grande como a cabana de

Bolinas, mas, se fosse preciso, Coco sabia que poderia levá-lo para lá.

— Queres que ele fique comigo, enquanto tentas arranjar alguém?

— Não — disse Jane com firmeza. — Preciso que tu fiques lá.

Preciso que tu, ouviu Coco pela milionésima vez na vida. *Não, por favor... não poderias... importavas-te... por favor, por favor, era um grande favor... Preciso que tu*. Merda. Era mais uma oportunidade para lhe dizer que não. Coco abriu a boca, mas não saiu um único som. Olhou para *Sallie*, que parecia não acreditar no que ouvia.

— Não olhes para mim assim — disse Coco à cadela.

— O quê? Com quem estás a falar? — perguntou Jane imediatamente.

— Não interessa. Porque é que ele não pode ficar comigo?

— Gosta de ficar em casa na sua cama — disse Jane com firmeza, e Coco revirou os olhos. Estava a um quarto de casa da cliente e não queria chegar atrasada, mas alguma coisa lhe dizia que era exatamente isso que ia acontecer. A irmã exercia sobre ela uma atração magnética como a das marés, uma força a que Coco não conseguia resistir.

— Eu também gosto de dormir na minha cama — disse Coco, tentando parecer firme, mas sabendo que não enganava ninguém e muito menos Jane. Ela e Elizabeth tinham filmagens de exteriores em Nova Iorque durante cinco meses. — Não vou tomar conta da tua casa durante cinco meses — disse Coco, teimosa. E os filmes por vezes demoravam mais tempo. Poderiam vir a ser seis ou sete.

— Muito bem. Vou arranjar outra pessoa — disse Jane em tom reprovador, como se Coco fosse uma menina mal-comportada. Aquilo incomodava-a sempre, por muito que

recordasse a si própria que já era adulta. — Mas não consigo numa hora, que é o que falta para me ir embora. Trato do assunto em Nova Iorque. Por amor de Deus, quem te ouvisse pensaria que te estava a pedir para ficares num bairro de lata. Até te fazia bem ficar aqui cinco ou seis meses e não terias de andar para cá e para lá para ires trabalhar. — Jane tinha bons argumentos, mas Coco não queria aceitá-los. Detestava a casa da irmã: era muito bonita, impecável, mas fria. Já tinha sido fotografada por todas as revistas de decoração, e Coco não se sentia à vontade lá dentro. Não havia um sítio para se estender confortavelmente à noite. E estava sempre tão imaculada que tinha receio de respirar ou até de comer. Não era tão boa dona de casa como Jane ou até mesmo como Liz. Eram ambas maníacas da limpeza. Coco gostava de uma desorganização confortável e não se preocupava com alguma desordem na sua vida, o que irritava Jane.

— Posso ficar uns dias, no máximo uma semana. Mas tens de arranjar outra pessoa. Não quero viver meses na tua casa — disse Coco inflexível, tentando estabelecer os limites.

— Arranjo. Vou fazer os possíveis. Mas, agora, por favor, trata-me disto. Quando podes vir buscar as chaves? E quero mostrar-te de novo o sistema de alarme porque acrescentámos outras operações e são complicadas. Não quero que o faças disparar. Podes ir buscar a comida do *Jack* à Canine Cuisine, preparam-na para ele duas vezes por semana, às segundas e quintas. E não te esqueças de que o veterinário agora é o doutor Hajimoto na Sacramento Street. O *Jack* tem de levar uma vacina para a semana.

— Ainda bem que não tens filhos — comentou Coco secamente, enquanto dava a volta à carrinha. Ia chegar atrasada, mas haveria de se arranjar. A irmã conseguia pô-la louca. — Nunca saírias da cidade.

O buldogue transformara-se para as duas no substituto de um filho e vivia melhor do que a maioria das pessoas, com refeições especialmente preparadas, um treinador, um tratador que vinha a casa dar-lhe banho e mais atenção do que muitos pais davam aos filhos.

Coco dirigiu-se a casa da irmã, diante da qual já se encontrava um carro à espera para levar Jane ao aeroporto. Coco desligou o motor e saltou da carrinha, deixando *Sallie* no interior, a olhar pela janela cheia de interesse. Nos dias seguintes, ia divertir-se bastante com *Jack*. Este era três vezes maior do que ela e, provavelmente, partiriam tudo dentro de casa, enquanto andassem a correr atrás um do outro. Talvez Coco os deixasse usar a piscina da irmã. A única coisa que Coco adorava naquela casa era o ecrã do quarto, em que podia ver filmes. O quarto era enorme e o ecrã cobria uma parede inteira.

Coco tocou à porta e Jane abriu-a de repente, com um telemóvel colado ao ouvido. Estava a gritar com alguém por causa dos sindicatos e desligou quando olhou para Coco. As duas mulheres eram surpreendentemente parecidas. Eram ambas altas e muito bonitas. Ambas tinham sido modelos na adolescência. A diferença mais notável entre as duas era que Jane era osuda e tinha o cabelo louro e liso preso num rabo de cavalo, e o cabelo castanho-arruivado, comprido e solto de Coco, bem como as suas curvas mais suaves, davam-lhe um ar mais afetuosos e tinha nos olhos uma expressão sorridente. Em Jane, tudo falava de stresse. Sempre houvera nela qualquer coisa de cortante, mesmo quando era pequena, mas aqueles que a conheciam intimamente sabiam que, apesar da sua língua afiada, era uma pessoa decente e tinha bom coração. Todavia não se podia negar que era dura e Coco sabia-o bem.

Vestia calças de ganga pretas, uma *t-shirt* e um casaco de cabedal da mesma cor; usava brincos de diamantes. Coco vestia

uma *t-shirt* branca, calças de ganga que lhe moldavam as pernas altas e elegantes e calçava ténis, que usava para trabalhar. Trazia também uma *sweatshirt* desbotada colocada em redor do pescoço. Coco parecia muito mais jovem. O estilo mais sofisticado de Jane envelhecia-a um pouco, mas eram ambas mulheres notáveis, muito parecidas com o seu famoso pai. A mãe era mais baixa e mais cheia, embora fosse loura como Jane. A cabeleira arruivada de Coco viera de uma geração anterior, já que Buzz Barrington tinha cabelo negro-azeviche.

— Graças a Deus! — disse Jane, enquanto o enorme buldogue veio a correr ter com elas e se levantou nas patas traseiras para se apoiar nos ombros de Coco. Sabia o que significava tê-la por ali, restos da mesa que, de contrário, nunca receberia e dormir na cama enorme do quarto principal, coisa que Jane não permitia. Embora adorasse o cão, acreditava firmemente que ele devia ter regras. Até *Jack* sabia que Coco era fácil de convencer e que o deixaria subir para a cama. Abanou a cauda e lambeu-lhe a cara, um cumprimento muito mais simpático do que o que recebera de Jane. Liz era de longe a mais afetuosa do casal, mas já estava em Nova Iorque. E a relação entre as duas irmãs fora sempre tensa. Por muito boas que fossem as suas intenções e por muito que gostasse da irmã mais nova, Jane nunca media as suas palavras.

Jane entregou a Coco um conjunto de chaves e uma folha de papel com as informações do novo alarme. Repetiu o que já dissera sobre o veterinário, a vacina e as refeições de marca de *Jack*, e mais um sem-número de instruções, todas elas lançadas à irmã ao ritmo de uma metralhadora.

— E telefona-nos imediatamente se o *Jack* tiver algum problema — terminou.

Coco teve vontade de lhe perguntar «E se for eu?», mas Jane não teria achado graça.

— Vamos tentar cá vir um fim de semana para que possas descansar, mas não sei quando poderemos escapar, principalmente se tivermos problemas com os sindicatos. — Parecia perturbada e exausta ainda antes de lá chegar. Coco sabia que ela tratava dos mínimos pormenores e era brilhante naquilo que fazia.

— Espera aí — disse Coco sentindo-se derrotada. — Só vou fazer isto durante uns dias, uma semana no máximo, não é verdade? Não vou ficar aqui o tempo todo — repetiu para que se entendessem. Não queria confusões.

— Bem sei, bem sei. Qualquer pessoa se sentiria feliz por poder ficar numa casa decente. — A irmã olhava-a com ar zangado em vez de lhe agradecer profusamente.

— É a *tua* casa decente — declarou Coco. — A minha casa é em Bolinas — continuou com uma dignidade que Jane ignorou.

— Não vamos discutir isso — disse Jane com uma expressão séria e depois, a contragosto, olhou para a irmã e sorriu. — Obrigada pela ajuda, miúda. Agradeço-te muito. És uma irmã mais nova maravilhosa. — Lançou a Coco um dos seus raros sorrisos de apreço que faziam com que Coco desejasse agradar-lhe. Mas era preciso fazer o que ela queria para conseguir um desses sorrisos.

Coco queria perguntar-lhe por que razão era uma irmã mais nova maravilhosa. Porque não tinha vida própria? Mas não fez a pergunta e limitou-se a assentir com a cabeça, odiando-se por concordar tão rapidamente em tomar conta da casa. Como sempre, tinha cedido sem se opor. Mas, de que valeria? De qualquer forma, Jane vencia sempre. Seria sempre a irmã mais velha que Coco não conseguia vencer, a quem não conseguia dizer que não e que pairava sobre ela, por vezes com mais poder do que os pais.

— Não me deixes aqui presa para sempre — disse Coco em tom de súplica.

— Eu telefono-te para te dizer — disse Jane, ambígua, e depois correu para a sala ao lado para responder a duas linhas de telefone ao mesmo tempo e, quando se dirigia para lá, o telemóvel também começou a tocar. — Mais uma vez obrigada — disse por cima do ombro, enquanto Coco suspirava, fazia uma festa no cão e voltava para a carrinha. Estava já vinte minutos atrasada para o seu primeiro cliente.

— Até logo, *Jack* — disse Coco em voz baixa, fechando a porta atrás de si. Enquanto se afastava, Coco tinha a deprimidamente sensação de que Jane a iria deixar ali durante meses sem fim! Conhecia muito bem a irmã.

Coco chegou a casa do primeiro cliente cinco minutos depois. Retirou um cofrezinho que guardava no porta-luvas da carrinha, inseriu a combinação e tirou lá de dentro um conjunto de chaves com um número de código na etiqueta. Pertenciam às casas de todos os clientes que confiavam plenamente nas suas idas e vindas. A casa junto da qual parou era de tijolo e quase tão grande como a de Jane, com sebes bem aparadas no exterior. Coco entrou pela porta das traseiras, desligou o alarme e assobiou alto. Segundos depois um gigantesco *grand danois* prateado apareceu e abanou a cauda com grande entusiasmo no momento em que a viu.

— Olá *Henry*, como vai isso, rapaz? — Prendeu a trela à coleira, ligou de novo o alarme, fechou a porta à chave e levou-o para a carrinha, onde *Sallie* se mostrou encantada por ver o amigo. Os dois cães cumprimentaram-se com um latido e empurraram-se amigavelmente no fundo da carrinha.

Coco parou em mais quatro casas nas proximidades e recolheu um *doberman* surpreendentemente meigo, um leão-da-rodésia, um galgo-irlandês e um dálmata, todos eles de casas

igualmente opulentas. Fazia sempre o primeiro turno do dia com os cães mais corpulentos, que precisavam de mais exercício. Dirigiu-se para Ocean Beach onde ela e os cães podiam correr quilómetros. Por vezes, levava-os para o Golden Gate Park. E, sempre que necessário, *Sallie* ajudava-a a juntá-los em matilha. Há três anos que passeava os cães dos ricos e da elite de Pacific Heights, e nunca tivera um acidente, um contratempo, nem perdera um cão. Tinha uma reputação de ouro na profissão e, embora a família pensasse que se tratava de um desperdício patético de tempo e habilitações, continuava a sair, gostava de cães e ganhava decentemente. Não era o que desejava fazer para o resto da vida, mas, por enquanto, agradava-lhe bastante.

O telemóvel tocou quando ia entregar ao dono o último cão grande. Tinha um grupo de cães médios para ir buscar a seguir e levava sempre os pequenos a passear antes do almoço, pois a maior parte dos donos saía com eles antes de ir trabalhar. E fazia um último turno com os cães grandes a meio da tarde antes de voltar a Marin. Era Jane que lhe telefonava. Já estava no avião, a falar rapidamente antes que lhe dissessem que desligasse o telemóvel.

— Verifiquei as datas antes de sair de casa e a vacina do *Jack* é só daqui a duas semanas, não para a semana. — Por vezes, Coco perguntava a si própria por que razão não lhe explodiria a cabeça com tantas minúcias que tentava abarcar. Nenhum pormenor era demasiado pequeno para escapar a Jane, geria tudo minuciosamente, até o cão.

— Não te preocupes que não vai haver problema — garantiu Coco num tom descontraído. A corrida na praia tinha-a acalmado, tal como acontecera com os cães. — Diverte-te em Nova Iorque.

— Com uma greve, nem penses. — Jane parecia um fio metálico prestes a rebentar. Mas Coco sabia que uma vez que

estivesse de novo junto de Liz se acalmaria. A companheira tinha uma influência tranquilizadora sobre ela. Eram um par perfeito e complementavam-se.

— De qualquer maneira, tenta divertir-te. E não te esqueças de arranjar alguém para te tomar conta da casa, assim que puderes — recordou-lhe Coco e falava a sério, quer Jane quisesse quer não.

— Bem sei, bem sei — disse Jane e suspirou. — E obrigada por me teres salvado. Para mim significa muito saber que a casa e o *Jack* estão em boas mãos. — A voz parecia muito mais suave do que durante toda a manhã. Tinham uma relação estranha, mas, afinal, eram irmãs.

— Obrigada — disse Coco esboçando lentamente um sorriso, enquanto perguntava a si própria por que razão significava tanto para ela ter a aprovação da irmã e lhe custava tanto quando não a tinha. Sabia que, em breve, teria de se livrar daquilo e arranjar coragem para lhe dizer que não. Mas ainda não chegara o momento.

Coco sabia que, no que dizia respeito à mãe e à irmã, passear cães não contava. No esquema da vida e comparada com outras conquistas como ser escritora famosa ou produtora nomeada para os óscares, a empresa de Coco era um embaraço. Aos olhos delas, era como se não tivesse emprego. E até mesmo Coco tinha consciência de que, na escala de Richter das conquistas que fora ensinada a exigir de si própria, o ponteiro nem estremeceu por ser tratadora de cães. Mesmo assim, quer elas aprovassem quer não, era uma vida fácil, simples e agradável. E era o que bastava a Coco naquele exato momento.